

EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: agregando, incluindo e almejando oportunidades

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : agregando, incluindo e almejando oportunidades 1 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-418-4

DOI 10.22533/at.ed.184202509

1. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Importante contar ao leitor, antes de apresentar com mais detalhe as características desta obra, o contexto em que ela se insere, marcando bem o lugar histórico que a circunscreve.

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficaz medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angustias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste volume.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*” no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades. Portanto, as discussões empreendidas neste volume de “***Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática docente.

Este livro, ***Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades***, reúne um conjunto de textos, originados de autores de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, entre outros. Os autores que constroem essa obra são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO SÉCULO XXI	
Elisangela Alves dos Reis	
Patrícia de Oliveira Santana	
Patrícia Sanches Hipolito	
DOI 10.22533/at.ed.1842025091	
CAPÍTULO 2	13
METODOLOGIAS DE ENSINO APRENDIZAGEM, EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E A FORMAÇÃO PARA O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS	
Elis Regina Vasconcelos Farias	
Francisco Jadson Franco Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.1842025092	
CAPÍTULO 3	22
AVALIANDO AS BANCAS AVALIADORAS. CONTRIBUIÇÕES PARA O APRIMORAMENTO DA GESTÃO ESCOLAR DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Anderson Paulino de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1842025093	
CAPÍTULO 4	34
PROJETO EAD NA COMUNIDADE RURAL QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS/ES	
Rosanni Machado da Costa	
Sônia Maria da Costa Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.1842025094	
CAPÍTULO 5	53
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA: PERSPECTIVAS PARA LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO	
Tatiana da Conceição Gonçalves	
Mônica do Socorro de Jesus Chucre	
DOI 10.22533/at.ed.1842025095	
CAPÍTULO 6	63
A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: MAPEAMENTO DE DISSERTAÇÕES E TESES NO BRASIL (2005-2020)	
Aldirene Pinheiro Santos	
Uilde de Santana Menezes	
Degenaura Gomes de Andrade Stefaniu	
Antônio Perez Stefaniu	
DOI 10.22533/at.ed.1842025096	

CAPÍTULO 7	76
DO RIO SÃO FRANCISCO AO SERTÃO NA CARAVANA ALAGOANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA	
Mércia Lamenha Medeiros	
Lenilda Austrilino	
Auxiliadora Dammiane Pereira Vieira Costa	
Francisco José Passos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.1842025097	
CAPÍTULO 8	85
VIVÊNCIAS DOCENTES E A TRANSIÇÃO ESCOLAR DOS ALUNOS DO 5º PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Andréa Cristina Batista dos Santos	
Anilton Salles Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.1842025098	
CAPÍTULO 9	108
EDUCAÇÃO E RECURSOS TECNOLÓGICOS: CONCEPÇÕES DO MEDIADOR E SUA RELEVÂNCIA PARA O ENSINO INCLUSIVO	
Igor Araújo	
Bruno Araújo de Souza	
Nayara Cardoso Barros	
Carla Heloísa Luz de Oliveira	
Tiffani Carla da Silva Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.1842025099	
CAPÍTULO 10	123
INCLUSÃO QUALIFICADA: O LUGAR DA ESCUTA NO PROCESSO SELETIVO DISCENTE DAS CASAS FAMILIARES RURAIS DO BAIXO SUL DA BAHIA-BRASIL	
Joana Maria de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.18420250910	
CAPÍTULO 11	139
TEORIAS APLICÁVEIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL, SOB A PERSPECTIVA DO COGNITIVISMO: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA, CAMPOS CONCEITUAIS E TEORIA DOS MODELOS MENTAIS	
Virgínia Maia de Araújo Oliveira	
Rosejane Cristina Almeida Costa	
Giselle Christine Lins Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.18420250911	
CAPÍTULO 12	153
A LDB E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM ESTUDO SOBRE A LEI Nº 4.2461 E A LDB Nº 9394/96	
Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa	
Bárbara Ellen Rebouças Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.18420250912	

CAPÍTULO 13.....	167
A EPISTEMOLOGIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DO DOCENTE	
Marlise Márcia Trebien	
Jaci Lima da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18420250913	
CAPÍTULO 14.....	177
“TDAH DEPOIS DE GRANDE?” IMPLICAÇÕES DA DESCOBERTA TARDIA DO TDAH EM UMA ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA	
Kevin Ferreira Corcino	
Thales Fabricio da Costa e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18420250914	
CAPÍTULO 15.....	193
A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE GLOBALIZADA – IMPACTOS NA GESTÃO E NA MATRIZ CURRICULAR	
Adelcio Machado dos Santos	
Manoel Leandro Fávero	
Daniel Tenconi	
DOI 10.22533/at.ed.18420250915	
CAPÍTULO 16.....	199
ENSINO FUNDAMENTAL: ROTATIVIDADE DOCENTE E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NUMA ESCOLA MUNICIPAL EM SÃO MATEUS/ES	
Rita de Cássia Correia Maciel dos Santos	
Sônia Maria da Costa Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.18420250916	
CAPÍTULO 17.....	215
INTERVENÇÕES PARA A APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA DE UM ALUNO AUTISTA	
Cláudia Inês Pelegrini de Oliveira Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.18420250917	
CAPÍTULO 18.....	231
CURRÍCULO TRADICIONAL, EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Cecília Aguirre	
DOI 10.22533/at.ed.18420250918	
CAPÍTULO 19.....	243
UM OLHAR CRÍTICO-REFLEXIVO ANTE AOS DESAFIOS DO PNE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OFERTA E QUALIDADE NO MUNICÍPIO DE MANAUS	
Gerlúcia Nascimento de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.18420250919	

CAPÍTULO 20.....	253
MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA INFANTIL: DISPOSITIVOS LEGAIS E INTERDISCIPLINARES	
Ana Maria Vargas da Silva	
Haydéa Maria Marino de Sant'Anna Reis	
DOI 10.22533/at.ed.18420250920	
CAPÍTULO 21.....	269
A FORMAÇÃO ACADÊMICA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DE GOIÁS, PARA QUE ESTAS SEJAM INSERIDAS NO MERCADO DE TRABALHO	
Alda Lucia Souza Lopes da Silva	
Luiz Ortiz Jeménez	
DOI 10.22533/at.ed.18420250921	
CAPÍTULO 22.....	283
OPORTUNIDADES NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: PORQUÊS MATEMÁTICOS NO ENSINO SUPERIOR	
Abigail Fregni Lins	
Sergio Lorenzato	
Danielly Barbosa de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.18420250922	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	298
ÍNDICE REMISSIVO.....	299

CAPÍTULO 8

VIVÊNCIAS DOCENTES E A TRANSIÇÃO ESCOLAR DOS ALUNOS DO 5º PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Data de aceite: 01/09/2020

Andréa Cristina Batista dos Santos

Instituto Vale do Cricaré.- IVC
São Mateus – ES

Anilton Salles Garcia

Universidade de Campinas - UNICAMP
Campinas - SP

RESUMO: Este artigo científico discute a temática vivências docentes e a transição dos alunos do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental, transição esta já desenvolvida por autores em outros trabalhos, mas constantemente sob a ótica da escola e dos alunos. O problema de estudo é: como o docente trabalha a transição do 5º para o 6º Ano de forma disciplinada, através de reflexão, compreensão, organização e adequação do espaço escolar? O objetivo geral do estudo é apresentar possibilidades de melhorar a transição dos alunos do 5º para o 6º ano da EEEFM “Caboclo Bernardo, em Barra do Riacho, Aracruz, ES. Os objetivos específicos são: verificar causas e consequências da indisciplina escolar vivenciadas na escola e o que o aluno tem consigo em hábitos familiares que transgridem suas regras institucionais; apresentar conceitos teóricos que orientam quanto às formas elementares de trabalhar a disciplina e o processo ensino-aprendizagem no contexto escolar; compreender, através de pesquisa, como a família contribui como parceira na transição escolar do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental; elaborar projeto

de intervenção com objetivo de combater e diminuir a indisciplina, a ausência das aulas e a reprovação, apresentando através de um projeto de intervenção, como produto final. A metodologia se fez através de estudo de caso, envolvendo questionário direcionado a alunos e professores das turmas de 6º ano. Os subsídios teóricos estão em autores de relevância sobre o tema: Araújo (2002), Brasil (1988, 2002), Cury (2003), Grillo (2004), Rocha (2019), Silva (2014) e outros. Conclui-se que a transição do 5º para o 6º ano deve ser algo natural, pois um complementa o outro. Nada que possa ser tratado como algo ruim, penoso ou que cessa. O 6º ano não marca um início, mas a continuidade do Ensino Fundamental de 9 anos.

PALAVRAS-CHAVE: Vivências. Contexto escolar. Transição. Hábitos familiares.

TEACHING EXPERIENCES AND SCHOOL TRANSITION OF STUDENTS FROM THE 5TH TO THE 6TH YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION

ABSTRACT: This scientific article discusses the theme of teaching experiences and the transition of students from the 5th to the 6th year of elementary school, a transition that has already been developed by authors in other works, but constantly from the perspective of the school and the students. The study problem is: how does the teacher work the transition from the 5th to the 6th year in a disciplined way, through reflection, understanding, organization and adequacy of the school space? The general objective of the study is to present possibilities to improve the transition

of students from the 5th to the 6th year of the EEEFM “Caboclo Bernardo, in Barra do Riacho, Aracruz, ES. The specific objectives are: to verify causes and consequences of school indiscipline experienced at school and what the student has with him in family habits that violate his institutional rules; present theoretical concepts that guide as to the elementary ways of working with the discipline and the teaching-learning process in the school context; understand, through research, how the family contributes as a partner in the school transition from the 5th to the 6th year of Elementary School; to elaborate an intervention project with the objective of combating and reducing indiscipline, the absence of classes and failure, presenting through an intervention project, as a final product. The methodology was carried out through a case study, involving a questionnaire directed to students and teachers of the 6th grade classes. Theoretical subsidies are from relevant authors on the topic: Araújo (2002), Brazil (1988, 2002), Cury (2003), Grillo (2004), Rocha (2019), Silva (2014) and others. It is concluded that the transition from the 5th to the 6th year must be something natural, as one complements the other. Nothing that can be treated as something bad, painful or ceasing. The 6th year does not mark the beginning, but the continuation of the 9-year Elementary School.

KEYWORDS: Experiences. School context. Transition. Family habits.

1 | INTRODUÇÃO

A disciplina severa remete a uma tendência pedagógica que pouco contribuiu no processo de desenvolvimento da criança, a pedagogia liberal tradicional. Nela, o aluno era visto como um ser frágil e sujeito à corrupção, com pouca participação durante as aulas. O professor era caracterizado como autoritário e detentor do saber. Os conteúdos eram totalmente desvinculados da realidade social da época, e não muito significativos para a formação dos estudantes. A disciplina escolar estava relacionada à passividade, ao silêncio, à organização e à imobilidade dos alunos, concebida como um "controle de sala".

Diante do exposto, pergunta-se: como o docente trabalha a transição do 5º para o 6º Ano de forma disciplinada, através de reflexão, de compreensão e de organização e adequação do espaço escolar? Justifica-se, a partir daí, a pesquisa, pela constatação de que a atual situação educacional tem mostrado altos índices de violência e de reprovação nas escolas, associados à indisciplina no 6º ano. Também o fato de que a formação adquirida pelos profissionais da educação nas instituições de Ensino Superior, não são suficientes para enfrentar e combater esse problema.

Para o corpo discente, violência representa agressão física, simbolizada, por exemplo, pelo estupro, brigas em família e falta de respeito entre as pessoas; já para o corpo docente, a violência se configura como descumprimento das leis e a falta de condições materiais da população, associando à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão. Falar de violência social é abordar um assunto presente em

nosso cotidiano.

Alunos indisciplinados, geralmente, apresentam baixo rendimento escolar, e desinteresse em aprender. Sendo assim, grandes são as possibilidades de evasão. Segundo Colombier *et al.* (1989), a violência que as crianças e os adolescentes exercem é, antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles. A criança reflete na escola as frustrações do seu cotidiano.

Com base nesse contexto, a presente pesquisa surgiu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio "Caboclo Bernardo", devido ao índice elevado de alunos considerados indisciplinados e com reprovação nos sextos anos, do turno vespertino, evidenciando ampliar o conhecimento e a compreensão acerca da indisciplina no contexto escolar, identificando suas causas, analisando as sérias consequências e apresentando estratégias para combater esse problema educacional.

O presente trabalho tem a pretensão de tratar essas causas de forma qualitativa e apontar abordagens de solução, tomando-se como objeto de estudo a escola em apreço. Para tanto, o objetivo geral é apresentar as possibilidades de melhorar, através da disciplina, o desempenho das turmas do sexto ano. E os objetivos específicos são: Verificar as causas e consequências da indisciplina vivenciadas na escola pelos alunos; Apresentar conceitos que orientam quanto às formas elementares de trabalhar a disciplina e o processo ensino aprendizagem no contexto escolar; Compreender, através de pesquisa, como a EEEFM "Caboclo Bernardo" trabalha em prol da disciplina e melhoria dos indicadores escolares; Elaborar projeto de intervenção, para combater e diminuir a indisciplina, a ausência das aulas e a reprovação.

Para se buscar resposta e subsídios a esta pesquisa, optou-se por consultar autores que se fizessem relevantes em suas publicações sobre o tema, como: Brasil (1988; 2002), Cury (2015), Grillo (2004), Pires (1999), Makarenko (1992) e outros, que ajudaram a redesenhar a importante temática da indisciplina escolar.

2 | O ENSINO FUNDAMENTAL

O Ensino Fundamental é um dos níveis da Educação Básica no Brasil. É obrigatório, gratuito (nas escolas públicas) e atende a crianças a partir dos 6 anos de idade. O objetivo do Ensino Fundamental Brasileiro é a formação básica do cidadão.

Para isso, segundo o artigo 32º da LDB, é necessário:

I- O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II- A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político,

da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRASIL, 1996).

Desde 2006, a duração do Ensino Fundamental, que até então era de 8 anos, passou a ser de 9 anos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9395/96) foi alterada em seus artigos 29, 30, 32 e 87, através da Lei Ordinária 11.274/2006, que ampliou a duração do Ensino Fundamental para 9 anos, estabelecendo como prazo para implementação da Lei pelos sistemas de ensino, o ano de 2010. O Ensino Fundamental passou, então, a ser dividido da seguinte forma: os Anos Iniciais – compreendem do 1º ao 5º ano, sendo que a criança ingressa no 1º ano aos 6 anos de idade; os Anos Finais □ compreendem do 6º ao 9º ano.

Os sistemas de ensino têm autonomia para desdobrar o Ensino Fundamental em ciclos, desde que respeitem a carga horária mínima anual de 800 horas, distribuídas em, no mínimo, 200 dias letivos efetivos. O currículo para o Ensino Fundamental Brasileiro tem uma Base Nacional Comum Curricular, que deve ser complementada por cada sistema de ensino, de acordo com as características regionais e sociais, desde que obedeçam às seguintes diretrizes:

I - A difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II - Consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III- Orientação para o trabalho;

IV- Promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais (ART. 27º, LDB 9394/96).

A responsabilidade pela matrícula das crianças, obrigatoriamente aos seis anos de idade, é dos pais. É dever da escola, tornar público o período de matrícula. Além da LDB, o Ensino Fundamental é regido por outros documentos importantes, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001), os pareceres e resoluções do Conselho

Nacional de Educação (CNE) e as legislações de cada sistema de ensino.

É necessário que o aluno se sinta cobrado, para que obtenha responsabilidade pelo que faz. “A responsabilidade se ensina e depois de aprendida tem que ser exigida” (TIBA, 2006, p. 85). No entanto, deve-se ensinar a criança, que tem responsabilidades a serem cumpridas e nem sempre receberá recompensas, como grande parte dos pais e educadores costuma fazer a cada boa atitude que a criança/adolescente toma.

Para Makarenko (1992, p. 25), a escola não pode ser confundida com um "caos anárquico" onde cada um faz o que quer. Ao contrário, o papel da escola é exigir o máximo possível do aluno e, ao mesmo tempo, distingui-lo com o maior respeito possível.

3 I RELAÇÕES INTERPESSOAIS PROFESSOR-ALUNO: A AFETIVIDADE

A sala de aula é um ambiente que se diferencia de qualquer outro local de trabalho. Para ser professor não basta saber conteúdos e ter amor pela profissão, é necessário construir uma relação de confiança com o aluno, pois o papel do docente influencia a vida discente de forma direta. Segundo Grillo (2004, p. 78),

O ensino do professor envolve sua totalidade; a prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua formação.

O vínculo afetivo, de forma ética e saudável, entre professor e aluno é fundamental para que o processo de ensino-aprendizagem seja prazeroso tanto para o professor como para os alunos. Os alunos, ao sentirem confiança no professor, tentarão não o desapontar. Portanto, ele deve desenvolver, de forma equilibrada, sua relação com seus alunos aprendendo, não só a dizer, mas a ouvir para, em conjunto, buscar soluções adequadas para o melhor desenvolvimento educacional.

A construção de uma relação de respeito, afeto, admiração mútua, confiança e valores morais, contribuem para formação de cidadãos responsáveis e solidários. E é na escola onde há as primeiras práticas sociais, visto que, quase sempre, antes de chegar ao ambiente escolar, o aluno só mantém contato com o ambiente familiar.

Dessa forma, podemos dizer que os afetos estão presentes em muitos estados de nossa vida, como, por exemplo, o prazer e o desprazer. Eles servem de critério de valorização, de avaliação das situações de nossa vida, ou melhor, eles ajudam a preparar nossas ações, participando ativamente da percepção que teremos das situações, tanto as vividas como aquelas que planejamos. (...) A emoção é um elemento de expressão que inclui aspectos orgânicos ao qual o professor deve estar atento. Quando o componente emocional é exacerbado, há uma tendência à inibição do componente intelectual,

e vice-versa, o que pode dificultar a aprendizagem do aluno. As emoções têm um papel preponderante no desenvolvimento da pessoa, pois a partir delas é que demonstramos nossos desejos e vontades (CHIARATTI; GONÇALVES; RICIERI, 2014, p. 67).

Estabelecendo essas relações, o processo de aprendizagem se torna coeso e produtivo, minimizando os conflitos e mantendo a harmonia no ambiente. Claro que para se ter um resultado positivo em relação a construção da afetividade no educando, a escola necessita da contribuição da família. A relação de cuidado e carinho que o estudante recebe, no seio familiar, complementarará a formação da personalidade que este revela no ambiente escolar, através da sua convivência com os demais alunos e professores.

A escola, sempre um tanto ultrapassada em relação às informações que o mundo oferece, não está totalmente preparada para receber alunos críticos, ativos, que não se conformam em passar horas e horas sentados ouvindo as explicações de seus professores, uma vez que já dominam meios bem mais avançados que o quadro e o giz utilizados como recursos dos docentes.

O professor, ou a grande maioria deles, por falta de tempo – devido a uma jornada excessiva de trabalho – ou por qualquer outro motivo, passa a não acompanhar o que a mídia, assim como os veículos disponíveis na Internet, mostra aos seus alunos, fazendo com que suas aulas sejam repletas de ideias ultrapassadas, com informações antigas, que não interessam aos alunos.

A família, por sua vez, preocupada em oferecer aos filhos o que não obteve dos seus pais, acaba por deixá-los a mercê de informações que sequer, por curiosidade, conhecem. Espera-se, pois, que a família participe mais ativamente das atividades escolares de seus filhos e que a escola se preocupe menos em cumprir com o programa de ensino que lhe serve de base para a educação que está desenvolvendo atualmente.

Pires (1999) explica que “antes, a família era cúmplice da escola. Hoje deposita suas funções e delega suas responsabilidades a ela, porém a crítica. Cada vez mais os alunos vêm para a escola com menos limites trabalhados pela família”.

4 | DESAFIOS NA TRANSIÇÃO DO ALUNO DO 5º PARA O 6º ANO

Ao ingressar no sexto ano do Ensino Fundamental, o aluno se depara com situações que não eram comuns nos anos iniciais, pois antes tinha, na maioria das vezes, uma professora que trabalhava todas as disciplinas e lhe chamava pelo nome. Agora são vários professores, cada um em seu tempo de aula, os quais, não conseguem guardar o nome de todos, devido à quantidade de turmas atendidas.

Cainelli (2011, p. 128) retrata que: “a transição da quarta para a quinta série ou sexto ano é mediada por mudanças significativas para os alunos.” O sentimento

de terminalidade de uma etapa educacional é reforçado pelo modelo que impõe uma articulação Estado/município praticamente inexistente, tanto no âmbito administrativo como no pedagógico.

Essa transição acontece em outras transformações pelas quais os educandos estão vivenciando nessa faixa etária. A criança inicia o sexto ano, entre 10 a 11 anos, que é a fase da vida que intermedia a infância com a idade da adolescência. Essa fase tem como característica o desenvolvimento biológico, psíquico e social. Segundo Cajado (1968, p. 27), a nova consciência do corpo estimula essencialmente novos sentimentos e novos pensamentos, que exigem notável mudança na sua integração.

Muitos pais e/ou responsáveis não acompanham de perto a vida escolar dos filhos, não verificam seu rendimento escolar. Em consequência dessas atitudes por parte da família, os alunos apresentam um baixo desempenho nas atividades escolares.

Esteves (1999) assegura que a família renunciou às suas responsabilidades no âmbito educativo, passando a exigir que a escola ocupe o vazio que ela não pode preencher. Sendo assim, o que se vê, hoje, são crianças chegando à escola e desenvolvendo suas atividades escolares sem qualquer apoio familiar.

A família e a escola possuem o papel e a responsabilidade no desenvolvimento e formação dos indivíduos. A participação dos responsáveis é importante no contexto escolar, pois afeta diretamente o desempenho acadêmico das crianças. Entretanto, a instituição de ensino deve apontar os caminhos pelos quais a família integrará o ambiente escolar, a fim de que seja estabelecida uma relação harmônica entre a instituição de ensino e a instituição familiar. Estabelecer essa harmonia tem sido um verdadeiro desafio para as escolas, tendo em vista que muitas vezes o que se tem é a ausência do núcleo familiar na vida escolar.

A escola que se pretende, e que o aluno deseja, é a que está pronta a dividir suas derrotas e vitórias, seus conhecimentos e dúvidas, enfim, a orientá-lo, escutá-lo e entendê-lo, não apenas como aluno, mas principalmente como pessoa, como cidadão. Vale ressaltar a importância de o professor estar desenvolvendo atividades que motivem seus alunos a estudar os “ditos” conteúdos programáticos, mas também, e principalmente, a refletir sobre o que estão estudando e para que estão estudando. E filosofar sobre os prós e os contras, sobre causas e consequências ajuda a entender melhor o que se passa no mundo que os rodeia.

Para Penin (1993, p. 25) é necessário que a escola, na pessoa do professor, assuma o seu papel mediador. Para que além das metodologias escolares, ele busque inteirar-se das metodologias gerais, que regem a vida dos seres humanos, tais como: regras, normas, conduta, valores e outros.

Segundo Freire (2007, p. 94),

No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. [...] Ensinar e, enquanto ensino, testemunhar aos alunos o quanto é fundamental respeitá-los e respeitar-me são tarefas que jamais dicotomizei.

Portanto, é hora de assumir a responsabilidade e agir em prol da qualidade na educação, em todos os sentidos. Quando se fala em educação de qualidade, revolução do ensino e escola cidadã, é necessário compreender o que de fato significam professor e aluno nesse contexto.

Gadotti (1999) indica que, para muitos, professor é quem ensina e aluno é quem aprende. Alguns até arriscam dizer ao aluno "você está aqui para aprender" (em algum momento do cotidiano da sala de aula). Mas ensinar o quê? E a quem?

Aprender o quê? E com quem? As novas estratégias de ensino e aprendizagem se contradizem, ou melhor, se igualam a algumas utilizadas no passado, quando não há, de fato, boas relações humanas no ambiente escolar (CURY, 2015).

Por fim, cabe mencionar que o espaço da escola não é apenas um "local onde se abrigam alunos, livros, professores" (p. 53), um local em que se realizam atividades de aprendizagem. Mas é também um espaço que gera ideias, sentimentos, movimentos no sentido da busca do conhecimento. Tem que despertar interesse em aprender (PATTO, 1984).

5 I (IN)DISCIPLINA NA ESCOLA

Para Makarenko (1992, p. 25), a escola não pode ser confundida com um "caos anárquico" onde cada um faz o que quer. Ao contrário, o papel da escola é exigir o máximo possível do aluno e, ao mesmo tempo, distingui-lo com o maior respeito possível. Exigir o máximo do aluno, no entanto, não pode significar exigir o que está além de suas possibilidades, não podem ser exigências grosseiras e desligadas das pretensões e capacidades do mesmo.

A disciplina deve ser acompanhada da compreensão de sua necessidade, da sua utilidade, da sua obrigação, do seu significado, e diz: "A disciplina assim deve ser consciente na medida em que deve nascer da experiência social, da atividade prática do trabalho escolar, tornando-se exigência e tradição da própria comunidade escolar (MAKARENKO, 1992, p. 12).

Ainda para o autor, a simples obediência não é sinal de disciplina e não pode nos satisfazer como obediência cega que se exige habitualmente na velha escola: "A disciplina não se cria com algumas medidas disciplinares, mas com todo o sistema educativo, com a organização de toda a vida, com a soma de todas as influências que atuam sobre a criança" (MAKARENKO, 1992, p. 12). Assim, as medidas e os castigos devem ser evitados ao máximo.

A indisciplina escolar tem sido o tema de inúmeras discussões no meio educacional. É um fenômeno que não se limita apenas a alguma classe social, faixa etária, gênero ou cultura específica. Tem sido assunto de diversas investigações como, por exemplo, as citadas a seguir.

Temos acompanhado o alarmante aumento de casos registrados acerca do aumento da violência em nossas escolas, fato este anunciado por diversos meios de comunicação, o que contribui para gerar um clima de angústia e insatisfação no ambiente escolar. A indisciplina leva à violência e surge quando ocorre o não cumprimento das regras impostas e normas sociais estabelecidas. Refletir sobre suas causas, consequências e caminhar para a mudança envolve a participação dos diversos segmentos: pais, alunos, professores, equipe pedagógica, funcionários e comunidade. Precisamos ter clareza da parcela de responsabilidade de todos. Os professores não podem ser os únicos culpados nesse processo; envolvendo todos na discussão e no enfrentamento do problema, podemos evitar a transferência de responsabilidades (VAGULA; RAMPAZZO; STEINLE, 2009, p. 84).

É bem provável que a indisciplina escolar seja um grande desafio e um dos maiores obstáculos no processo de ensino-aprendizagem, tornando-se um complicador para o trabalho do docente e, conseqüentemente, o desempenho dos alunos, refletindo nos resultados obtidos. Isso tem sido o principal tema de discussões nas reuniões de pais e mestres, conselho de classe, etc. Uma breve reflexão sobre o significado da palavra indisciplina evidencia uma conexão com o ensino tradicional onde há descumprimento das regras.

A disciplina severa está relacionada a uma tendência pedagógica liberal tradicional que não teve grande significado no processo de desenvolvimento da criança. Nessa tendência o aluno era visto como um ser indefeso sujeito a corrupção, pouco participativo. Os conteúdos não estavam relacionados com a realidade social do aluno e o professor era visto como autoritário e detentor do saber. A disciplina estava vinculada ao "controle da sala", ou seja, silêncio, organização e imobilidade dos alunos.

Segundo Aranha, (*apud* VAGULA; RAMPAZZO; STEINLE, 2009, p. 15) a função da escola era desvinculada dos problemas sociais, cotidianos e atuais.

Visava preparar os alunos para exercerem seu papel na sociedade, enfatizando o preparo moral, dessa forma, os conteúdos refletem valores, tradições e a cultura acumulada de geração em geração, transmitidos aos alunos como verdades absolutas. Cabe aos alunos em uma atitude passiva, assimilar os conteúdos trabalhados, para reproduzi-los em uma situação de prova.

A falta de estrutura familiar é outro elemento que pode resultar na indisciplina na escola. Por isso, é muito importante analisar o contexto familiar em que a criança

está inserida antes de qualquer julgamento de seu comportamento e resultados obtidos. Muitas vezes, quando exposto a situações que o incomode o aluno pode reagir com mau comportamento e estresse. Isso acontece devido ao seu processo de desenvolvimento da personalidade e capacidade de fazer escolhas e de demonstrar suas emoções.

6 | A PESQUISA

A pesquisa de campo se baseou na aplicação de questionários direcionados aos alunos do 6º ano e aos respectivos professores das turmas, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Caboclo Bernardo”, no município de Aracruz, Estado do Espírito Santo. Atende aos níveis Fundamental, EJA e Médio. Deixou-se livre, para os participantes responderem ao questionário de forma facultativa. E, após a autorização da direção, procedeu-se a aplicação dos respectivos questionários.

As informações foram coletadas com alunos dos sextos anos, turma 1 (4 alunos), turma 2 (7 alunos), turma 3 (10 alunos) e turma 4 (14 alunos), totalizando 35 alunos do turno vespertino. No dia da aplicação, um aluno faltou, sendo, então, 34 participantes. A tabela 1 mostra a proporção de alunos por sexo na pesquisa.

SEXO	QUANTIDADE	% (PORCENTAGEM)
Feminino	10	28,57
Masculino	25	71,43

Tabela 1 - 6º ano 1, 2, 3 e 4

Fonte: EEEFM “Caboclo Bernardo”

Aplicou-se um questionário para alunos e professores, com questões abertas para investigar as causas pertinentes à indisciplina, baixo rendimento escolar e os fatores socioeconômicos educacionais. A escolha da amostra foi com os alunos que apresentaram baixo rendimento escolar no 1º trimestre 2019, que responderam o questionário. Os dados foram coletados por meio do questionário com estrutura fechada, após esta coleta os dados foram tabulados e dispostos por meio de gráficos. O questionário foi constituído por 10 questões e aplicado pela pesquisadora, durante 00:50min (cinquenta minutos) na aula do professor que estava nas turmas de 6º ano 1, 2,3 e 4.

De acordo com o entendimento dos alunos, os gráficos a seguir mostram as análises de alguns pontos relevantes retratados na pesquisa:

Em relação à idade dos participantes, o Gráfico 1 ilustra o seguinte resultado:

31,43% têm 11 anos (11 estudantes); 48,57% têm 12 anos (17 estudantes); 8,57% têm 13 anos (03 estudantes); 8,57% têm 14 anos (3 estudantes); e não possuíam aluno com 10 anos ou mais de idade na amostra. Dos 35 alunos, um havia faltado à aula, resultando em 34 participantes.

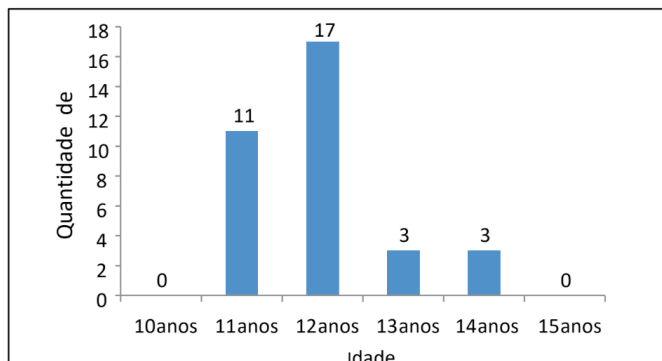


Gráfico 1 - Faixa etária dos alunos dos 6º anos 1, 2, 3 e 4

Percebe-se que os alunos, em sua maioria, estão na faixa etária coerente com o ano em que estudam. O que indica que eles, apesar de apresentarem baixo rendimento, conseguem atingir notas suficientes, porém não excelentes, para concluir os estudos.

Há, ainda, uma pequena quantidade de alunos repetentes, pela idade apresentada. Estes, porém, trazem um problema estrutural de longa data, tanto cognitivo quanto psicológico, social e físico. Muitos não se dedicam, inclusive por não ter apoio familiar, ou precisarem conciliar trabalho e estudo para ajudar a família.

Observa-se no gráfico a seguir, que a maioria dos alunos que responderam ao questionário não estão na faixa etária defasada, e, sim, estão na idade e série certas. Apesar dos alunos não atingirem as notas suficientes no trimestre, grande parte consegue alcançar um rendimento necessário para concluir o ano letivo. Por meio de avaliações de recuperação e trabalhos que lhes são submetidos, eles conseguem alcançar melhores notas ao final dos trimestres, comprometendo, assim, apenas as notas distribuídas durante o mesmo.

Pode-se citar a falta de interesse do aluno em aprender e realizar as atividades e quando chega ao final do trimestre eles se esforçam mais para recuperar as notas perdidas.

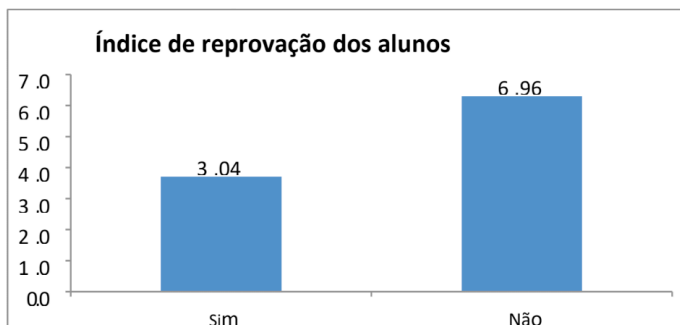


Gráfico 2 -Índice de reprovação dos alunos dos 6º anos 1, 2, 3 e 4

No gráfico a seguir, vê-se que o maior índice está relacionado ao item "demonstro interesse algumas vezes", isso implica na aprendizagem dos alunos.

Na maioria das vezes a falta de interesse se dá pelas aulas mal planejadas, cansativas e desgastantes. Uma aula bem preparada e elaborada de acordo com a realidade dos alunos influencia muito na hora de prender a atenção deles. Muitas vezes a atenção deles está voltada somente para a internet.

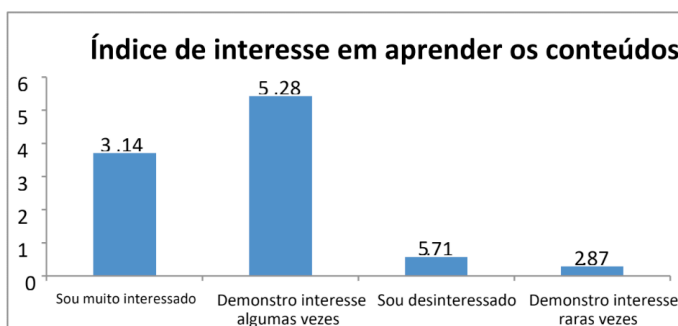


Gráfico 3-Interesse dos alunos dos 6º anos 1, 2, 3 e 4

Outro ponto importante é a falta de perspectiva dos alunos. Nem todos pensam em fazer um curso superior e se especializar, então se perguntam para que estudar tal matéria se nunca vão usar para nada. O professor, então, tem o dever de conduzir este aluno à formação cidadã. Não se aprende apenas o que se utiliza, aprende-se o que faz ser um cidadão inteligente, que saiba discutir um pouco sobre cada assunto.

Ao pesquisar o acompanhamento familiar, relacionado ao ensino e aprendizagem, foi apontado pelos alunos no gráfico a seguir, que a família não acompanha diariamente os seus estudos com as tarefas de casa e seu aprendizado

escolar, comprometendo, assim, a vida escolar desses.

A família é a base da construção do ser como cidadão, bem como sua referência para a criança. Dessa forma cada criança constrói sua identidade interagindo com as outras de acordo com os princípios que lhes foram passados. É primordial que a família e a escola mantenham laços e trabalhem em conjunto para obter resultados. O tipo de educação familiar pode prejudicar ou facilitar a aprendizagem.

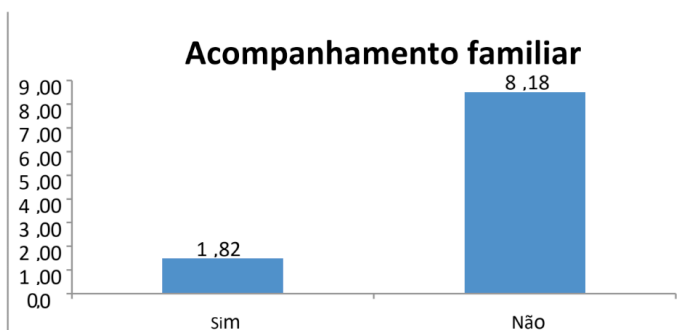


Gráfico 4 Acompanhamento dos pais dos alunos no 6º ano 1, 2, 3 e 4 na vida escolar

A escola contribui para a socialização da criança, bem como seu aprendizado. A família educa, ensina valores, incentiva. É fato que a falta do acompanhamento familiar acarretará em um baixo desempenho. A união escola-família se faz necessário, no intuito de construir conhecimento e ser cidadão.

Em todos os contextos, a participação docente é primordial, pois ele é o mediador entre aluno-escola-família. Sua forma de trabalhar nas turmas de 6º ano deve primar pelo respeito às individualidades e pela valorização do conhecimento que seus alunos trazem e como isso será concebido pelos colegas depende de sua motivação. Os professores são personagens cruciais no contexto escolar. Sua atuação precisa ser de resgate aos familiares, de envolvimento dos alunos do 6º ano.

Os professores de 6º ano da escola participaram da pesquisa, declarando alguns pontos relevantes quanto a essas turmas e seus respectivos discentes. Em relação ao fracasso escolar no ensino e aprendizado dos alunos dos 6º anos do Ensino Fundamental II, foi apontado pelos educadores que:

Professor 1: "é resultado de uma série de fatores que acaba interferindo no processo de aprendizagem".

Professor 2: "é impactante, principalmente pela falta de sonhos e

expectativas de um futuro pela maior parcelas dos alunos".

Professor 3: "é consequência da falta de acompanhamento das famílias".

Professor 4: "neste contexto está muito além da educação, abrange a contexto

familiar e social".

Professor 5: "eu vejo com tristeza, uma vez que, apesar de terem alguns alunos indisciplinados, há uma quantidade considerável de alunos que buscam e querem estudar.

Professor 6: "é uma situação preocupante, pois o 6º ano é a porta de entrada para o ensino fundamental II.

Professor 7: "vejo alguns ausentes na educação dos filhos"

Pensando no professor como organizador da aula que é o principal responsável pela prevenção da indisciplina em contexto de aula, percebe-se que:

Professor 1: "sim, em sala de aula o professor é o regente da aula e autoridade máxima, entretanto muitos alunos não têm sequer o básico dos limites de casa.

Professor 2: "não, o aluno tem que manifestar o respeito, a educação em silenciar nos momentos de orientação e explicação.

Professor 3: "o professor é autoridade máxima na sala de aula, impondo

limites".

Professor 4: "não, os alunos que ficam transitando no pátio influenciam muito o ambiente interno da sala".

Professor 5: "acredito que não. A família, principalmente, é necessário caminhar junto da escola e professores".

Professor 6: "o professor é o principal responsável, mas precisa do apoio da coordenação e gestão escolar para conseguir este propósito".

Professor 7: "sim, e deve ter apoio do corpo pedagógico também".

Pensando nos motivos pelos quais os alunos adotam comportamentos indisciplinados no ambiente escolar, os professores apontaram que:

Professor 1: "por diferentes motivos, alguns para chamar atenção, outros por problemas familiares ou sociais..."

Professor 2: "a indisciplina vem com o hábito de não ouvir uma orientação e sempre fazer o que desejam".

Professor 3: "muitos "chamar atenção" e necessitam de limites".

Professor 4: "vejo que o motivo é variável, alguns pela falta de educação; outros porque não tem voz em casa e na escola querem ser vistos; também há aqueles que são violentos porque este é o seu ambiente".

Professor 5: "acredito que muitos não acreditam neles mesmos. Não há um incentivo em casa, há muitas famílias desestruturadas, um conjunto de fatores acabam por deixá-los assim".

Professor 6: "falta de comprometimento da família (pais que não estão presentes), querem chamar à atenção e situações conflituosas em casa".

Professor 7: "falta de interesse, perspectivas de vida, entre outros".

No que diz respeito a conduzir a turma para incluir os alunos indisciplinados, os educadores acreditam:

Professor 1: "organizando a sala, utilizando o mapa de sala e explicando o que devo e não devo fazer no ambiente escolar".

Professor 2: "provoco com questionamentos sobre o assunto abordado ou estímulo uma resposta coletiva".

Professor 3: "atividades de monitoria".

Professor 4: "tento sempre colocar um aluno que produz para acompanhar aqueles que são mais indisciplinados".

Professor 5: "eu tento dialogar, conversar. Acredito que com uma boa conversa muitos problemas podem ser resolvidos".

Professor 6: "tenho dificuldade, pois os alunos desrespeitam demais. Tento estabelecer um diálogo e fazê-los entender a importância de estudar".

Professor 7: "dou a mesma oportunidade que os demais alunos".

Acerca da busca em melhor atender a todos, a atuação de cada professor voltado para tais situações de indisciplina, tenta-se realizar:

Professor 1: "procuro resolver o que cabe a mim orientando e conversando e alguns casos conduzindo ao coordenador e pedagogo".

Professor 2: "tento primeiramente chamar à atenção com brincadeiras, olhares, "indiretas" (nossos alunos são carentes" e só então sou mais incisiva".

Professor 3: "sempre tento resolver as situações primeiramente em sala, mas em casos extremos, encaminho o aluno à coordenação"

Professor 4: "converso, tentando mostrar que só o aluno que vai mais perder com este comportamento. Em última situação peço ajuda aos coordenadores".

Professor 5: "sigo com as conversas e diálogos. Em um primeiro momento uma conversa com toda a turma e posteriormente com os alunos separadamente".

Professor 6: "tento conversar sobre os seus problemas, o porquê age dessa maneira, em situações mais drásticas encaminho para a coordenação".

Professor 7: "converso com o aluno para tentar resolver e/ou coordenador, pedagogo e diretor.

E acerca do papel do aluno no estabelecimento das regras impostas na sala de aula, segundo as orientadoras, é de:

Professor 1: "compreender que em qualquer ambiente temos direitos e deveres a serem cumpridos".

Professor 2: "deveria ser de respeito e cumprimento que nitidamente não acontece".

Professor 3: "regras existem para serem cumpridas. Para que haja aprendizado o ambiente escolar devo possuir limites e recursos atrativos".

Professor 4: "ele deve respeitar mesmo com atitudes que não são do seu hábito, porque em todo ambiente há sempre regras para um bom relacionamento entre os indivíduos".

Professor 5: "ele deve entender que na escola há regras, há uma hierarquia. O problema é que muitos alunos acham que na escola podem tudo, é na escola que recebem os primeiros não's".

Professor 6: "participar da criação dos combinados em sala e cumprilos, e ajudar para que toda a turma cumpra as regras.

Professor 7: "seguir as regras para um bom andamento da aula".

E sobre a análise do contexto da família e escola, a família desses alunos contribui para um bom aprendizado ou não, os professores analisaram que:

Professor 1: "na maioria dos casos não. Na maioria dos casos de indisciplina e fracasso escolar os alunos não são acompanhados".

Professor 2: "acredito que muitas famílias fazem dentro do que é possível, devido o próprio nível de instrução. Porém, temos uma parcela da população que transfere sua responsabilidade de educar à escola e os professores, o que influencia no sucesso do aprendizado".

Professor 3: "não. A maioria das famílias não acompanham os seus filhos na escola".

Professor 4: "alguns tem apoio da família, porém os indisciplinados a família, na maioria são doentes e não tem regras ou estruturas. O apoio do aluno está somente na escola".

Professor 5: "contribui muito. É notável que os alunos disciplinados, a maioria deles tem uma família presente e os indisciplinados tem uma família ausente".

Professor 6: "com certeza. Uma família presente e que cobra do filho o compromisso com a escola, ajuda este a aprender.

Professor 7: "acredito que não contribui de forma significativa".

Através das respostas dos professores, pode-se perceber algumas situações que levaram essas turmas a terem alunos retidos no 6º ano, principalmente em função da indisciplina.

Sobre o primeiro questionamento, envolvendo o fracasso escolar dos alunos do 6º ano, os professores citaram fatores como: falta de sonhos e expectativas de um futuro; falta de acompanhamento das famílias; e abrange o contexto social. Nesse sentido, conforme o gráfico 3, falta o desejo por se envolver nos estudos. Mas isso não deve ser atribuído apenas aos alunos, crianças e adolescentes. Eles precisam de alguém adulto que os direcione e os faça compreender o valor dos

estudos, em casa os pais são responsáveis e, na escola, os professores.

Sobre o professor como organizador da aula e o principal responsável pela disciplina, constatou-se que as respostas foram: o professor como a autoridade máxima; os alunos não têm limites em casa; o aluno precisa manifestar respeito e silenciar nos momentos de orientação e explicação; o professor como autoridade deve impor limites; o trânsito de alunos pelo pátio atrapalha a disciplina em sala; a família precisa caminhar junto com a escola; o professor precisa do apoio da coordenação e da gestão para conseguir disciplina.

Na terceira questão, envolvendo os motivos que levam os alunos a uma postura indisciplinada, os professores participantes responderam: alguns para chamar a atenção, outros problemas familiares e sociais; hábito de não ouvir uma orientação e sempre fazer o que querem; chamar a atenção e não terem limites; a falta de educação, são reprimidos em casa e descontam na escola, vêm de ambiente familiar violento; baixa estima, falta de incentivo em casa, famílias desestruturadas; conflitos em casa, pais ausentes da vida dos filhos; e falta de interesse e perspectivas.

E sobre a melhoria do atendimento a todos e a atuação de cada professor voltado a situações de indisciplina, eles disseram: resolve orientando e conversando, alguns casos conduz os alunos à coordenação e ao pedagogo; chama a atenção com brincadeiras, olhares, indiretas e depois é mais incisiva; tenta resolver em sala, os extremos encaminha à coordenação; diálogo para melhorar a situação; conversa em particular; tenta, com conversa, descobrir o porquê das atitudes dos alunos indisciplinados.

Sobre o papel do aluno no estabelecimento das regras impostas na sala de aula, deve: compreender que em qualquer lugar tem direitos e deveres; não cumpre as regras; ter limites; respeito, mesmo que não são do seu hábito as atitudes para estabelecer bom relacionamento; na escola há regras e hierarquia; participar da criação dos combinados em sala e cumpri-los; ajudar os colegas em seu relacionamento e no cumprimento das regras. Nesse sentido, às vezes, é na escola que os alunos recebem os primeiros "nãos", pois em casa não há limites e regras.

E a questão sobre a família e escola e a contribuição da primeira ao aprendizado dos alunos, os professores indicaram que: na maioria dos casos, não; nos casos de fracasso e indisciplina, não há acompanhamento dos pais; muitas fazem o possível, mesmo sem instrução; transferem sua responsabilidade para a escola e para os professores; a maioria dos indisciplinados, os pais são doentes e famílias desestruturadas.

Para realização do projeto "Gentileza Gera Gentileza", os alunos foram levados ao auditório da escola, em dia letivo, durante 4 horas, para assistirem ao documentário que trata da vida do "Profeta Gentileza. Gostaram do que assistiram. Em seguida, houve a distribuição da letra da música "Gentileza" da cantora Marisa

Monte e, apresentado o vídeo clip da música e todos cantaram com muita emoção várias vezes e, para finalizar foi entregue um questionário, contendo cinco perguntas.

Relatos de dois alunos relacionados às perguntas do questionário:

1ª) O que é gentileza?

Aluno 1: "Se colocar no lugar do outro. Respeito e ser bom com o próximo".

Aluno 2: "A gentileza é harmonia, compaixão e amor. Ajudar um ao outro.

2ª) Gentileza é um ato em extinção no mundo em que vivemos hoje?

Aluno 1: "Sim. Ninguém tem mais respeito e é bom com outro".

Aluno 2: "Sim. Esse mundo não tem gentileza. A gente aprende e ensinamos aos outros que não sabem".

3ª) Existem espaços para a gentileza na escola?

Aluno 1: "É sempre bom um ter pelo outro".

Aluno 2: "Sim. A maioria das pessoas são boas e podem aprender com você".

4ª) Que atos de gentileza são possíveis identificar na escola?

Aluno 1: "O respeito que os professores tem com a gente"

Aluno 2: "Amor, companhia, gentil, harmonia, etc."

5ª) O que podemos fazer para que se tenha um ambiente mais gentil?

Aluno 1: "Respeitar o próximo, não responder os professores e não xingar"

Aluno 2: "Amizade, gentil, não ser rebelde e ter compreensão com os colegas"

E, de acordo com os relatos apresentados, esse projeto foi de grande valia na vida dos alunos, pois ensinou que a ética na escola é fundamental. As atividades desse projeto trabalharam a ética na escola, o que gerou bondade, amor e paz ao próximo. Também ajudou na memorização e desenvolvimento de diversas habilidades, como, por exemplo, "os valores". Também facilitou a comunicação harmoniosa.

7 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Buscando minimizar as consequências causadas pela indisciplina escolar na educação e na sociedade, a escola e a família podem unir forças para o combate desse problema. O professor, enquanto formador, deve atentar-se aos sinais emitidos, podendo, assim, buscar meios para que essa barreira possa ser destruída.

Sabe-se da importância do entendimento global do aluno em formação para o trabalho em prol de um desenvolvimento satisfatório em termos emocionais, cognitivos, pedagógicos e sociais. A criança passa grande parte de sua vida na escola e lá desenvolve e demonstra muitas de suas habilidades e limitações. É provável que fragilidades emocionais fiquem à mostra na escola. É comum que problemas externos à classe enfrentados pela criança interfiram em seu rendimento escolar cabendo ao professor, quando possível,

detectar e denunciar que algo não está bem (ARAMAN, 2009, p. 145).

O estabelecimento de regras dentro da sala de aula, também pode ajudar a diminuir os índices de indisciplina. Seja em qual for o ambiente, é necessário que esteja preservado por regras e condutas que regularizem o comportamento e mantenha o ambiente em bom estado. Esse contrato didático deve ser criado com a ajuda dos alunos, visto que, ao deixar que eles mesmos mencionem as regras que deverão ser obedecidas, tudo o que poderá, e o que não poderá, ser feito dentro da sala de aula, o professor, de forma indireta, estará desenvolvendo, neles, o senso de responsabilidade.

A escola recebe alunos de diferentes personalidades, e é preciso que, quem vai ensinar, conheça a realidade de cada criança. Essa atitude ajudará no processo de chegar mais próximo ao sucesso escolar. O professor deve ministrar a aula de forma atraente, com metodologias inovadoras e criativas. Sempre buscar o aperfeiçoamento, o replanejamento, a formação continuada, a especialização. Visando melhorar o trabalho docente e atingir os objetivos educacionais.

Nesse contexto, é preciso resgatar a imagem do professor e valorizar o seu importante papel na escola e na sociedade. O professor deve ensinar o aluno a aprender a aprender, deve promover a formação de um aluno ativo, sujeito da sua ação. Para que isso ocorra, é preciso que o professor seja integrador, comunicador, questionador, criativo, colaborador, eficiente, flexível, produtor de conhecimento e comprometido com as mudanças do seu tempo. Entretanto, se a sua prática for conservadora, irá contribuir para a manutenção dos valores tradicionais da sociedade e pouco poderá avançar na formação de alunos críticos. Sendo o professor um agente de mudança, e sabendo que toda inovação encontra resistências que exige a organização, podemos nesse processo enfatizar a importância do planejamento de ensino, como fundamento de toda ação educacional, como forma de gerenciar as mudanças (VAGULA; RAMPAZZO; STEINLE, 2009, p. 23).

O professor que prepara bem suas aulas sofre menos com os problemas de mau comportamento dos alunos. É inadmissível uma prática docente voltada à improvisação. Saber o que vai realizar em cada momento, quando se estiver dentro da sala de aula, simboliza o planejamento bem elaborado, podendo trazer momentos agradáveis para a aula. Sobre a importância do planejamento, Libâneo diz:

1) esclarece sobre princípios, diretrizes e procedimentos do trabalho docente, articulando as atividades da escola e as exigências do contexto;

2) estabelece o posicionamento filosófico, político-pedagógico e profissional e relacionado com as ações a serem realizadas na escola e na sala de aula;

3) pretende garantir a racionalização, organização e coordenação do trabalho docente, voltado para um ensino de qualidade, evitando a improvisação e a rotina;

4) define objetivos, conteúdos e métodos a partir do contexto social, de modo a contemplar a comunidade e os alunos nas suas individualidades;

5) mantém a unidade e a coerência do trabalho pedagógico, relacionando com o plano de ensino do professor, respondendo para que ensinar (objetivos), o que ensinar (conteúdos), a quem ensinar (público-alvo), como ensinar (metodologias) e como avaliar (avaliação);

6) atualiza os conteúdos do plano, quando necessário;

7) facilita o planejamento das aulas (LIBÂNEO, 2014, p. 122).

A postura profissional do educador deve demonstrar o controle emocional, mesmo durante os momentos de conflitos. O tom de voz também pode contribuir no combate à indisciplina. Mantendo-se calmo ao falar com os alunos, demonstrará controle diante da situação, fazendo com que, no momento que o professor necessitar aumentar o tom de voz, certamente conseguirá reter a atenção dos estudantes.

8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio apresentado nesta pesquisa foi o de escolher uma perspectiva, dentre as muitas que compõem essa temática, que fosse compatível com a realidade local da E.EEFM. "Caboclo Bernardo", no Município de Aracruz, com o desejo de saber mais sobre o tema e o contexto envolvendo a indisciplina escolar.

Através da pesquisa bibliográfica, entre outros aspectos, percebeu-se que o processo de combate à indisciplina pode ser considerado um dever social, não apenas escolar. O plano de ação pedagógica visa contribuir para a redução da prática de indisciplina e violência. O papel do professor e da família é identificar essas ações inadequadas e, juntamente com a administração da escola, buscar maneiras de romper com esses atos.

Todo o aporte teórico adquirido, as discussões durante as aulas, as atividades de orientação, bem como a relevância de ouvir os alunos e professores sobre o tema, conduzem à compreensão de que os propósitos da pesquisa foram alcançados.

Assim, o trabalho contribui para o debate científico, apresentando a indisciplina escolar em seus aspectos principais: o que seria indisciplina, suas causas, possíveis formas de enfrentamento, significados e intencionalidades e pessoas que estariam

envolvidas em questões de indisciplina na escola.

Os pais devem compreender que a escola é um espaço tão seu quanto dos seus filhos. Devem confiar nela e no trabalho dos professores. Isto se torna fundamental, ainda mais considerando que não têm tempo para estar tão presentes.

Em relação a atuação da instituição escolar, sugere-se que as reuniões e/ou eventos realizados sejam bem dinâmicos, com momentos interativos (o que não ocorre na maioria das vezes, pois os pais ficam apenas de ouvintes), com sorteio, lanche e que despertem a participação maior das famílias. Tais ações se propagam e certamente a escola conseguirá atingir seu maior objetivo, que é a participação e auxílio dos pais no desempenho acadêmico e na disciplina de seus filhos.

Como sugestão para trabalhos futuros, indica-se o desenvolvimento de pesquisas para analisar como os alunos percebem essa transição e de que maneira ela pode ser minimizada, na versão discente. É possível, também, criar, de maneira experimental, pesquisa que mude essa maneira de transição do Fundamental I para o Fundamental II, de repente revendo e alterando essa nomenclatura, para que seja mais suave ao aluno.

REFERÊNCIAS

ARAMAN, E. M. O. **O trabalho do pedagogo nos espaços educativos**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Lei federal nº 8069 de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

_____. **Lei 9.394/96. LDB**. Brasília: Centro Gráfico, 1996.

CAINELLI, M. R. **Entre continuidades e rupturas: uma investigação sobre o ensino e aprendizagem da História na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental**. São Paulo: Moderna, 2011.

CAJADO, O. M. **Dinâmica da adolescência**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1968.

CHIARATTI, F. G. O.; GONÇALVES, C. E. de S.; RICIERI, M. **Psicologia da educação: desenvolvimento e aprendizagem**. Londrina: Educacional S.A., 2014.

COLOMBIER, C.; MANGEL, G.; PERDRIault, M. **A violência escolar**. São Paulo: Summus, 1989.

CURY, A. **Indisciplina escolar infantil: causas, consequências e como combatê-la**. 2015. Disponível em: <<https://escoladainteligencia.com.br/indisciplina-escolar-infantil-causas/>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

ESTEVES, J. M. **A terceira revolução educacional**: a educação na sociedade do conhecimento. São Paulo: Moderna, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 35. Ed. São Paulo: Terra e Paz, 2007.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1999.

GARCIA, J. Indisciplina na escola. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

GRILLO, M. O professor e a docência: o encontro com o aluno. In: ENRICO, N. E. D. (Org.) **Ser professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 73-89.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2014.

MAKARENKO, A. **Livros dos pais II**. São Paulo: Livros Horizonte, 1992.

PENIN, S. T. S. **Processo de construção do conhecimento do professor sobre o ensino**: algumas mediações. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

PIRES, D. B. Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 20, n. 66, Abr. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301999000100009 &lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 maio 2019.

TIBA, I. **Frases de Içami Tiba sobre a educação**. 2006. Disponível em: <https://www.pensador.com/icami_tiba_frases/>. Acesso em: 03 jun. 2019.

VAGULA, E.; RAMPAZZO, S. R. R.; STEINLE, M. C. **Organização e didática nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 47, 207, 212, 298

Aprendizagem 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 27, 42, 46, 55, 56, 57, 58, 62, 63, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 124, 127, 129, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 157, 158, 168, 170, 171, 172, 173, 177, 178, 179, 187, 189, 190, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 227, 228, 229, 230, 233, 234, 237, 238, 239, 241, 242, 256, 257, 258, 259, 260, 266, 267, 269, 270, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 285, 286, 287, 290

Ausubel 139, 140, 141, 142, 143, 147, 148, 149, 150, 151, 152

Autismo 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 228, 229, 230

Avaliação 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 51, 63, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 89, 105, 124, 142, 158, 164, 171, 174, 186, 187, 189, 191, 236, 256, 267, 275

Avaliação democrática 22, 28, 29

C

Comunidade rural quilombola 34, 35, 46, 50, 51, 52

Contexto escolar 85, 87, 91, 97, 114, 117, 167, 175, 180, 187, 214, 237

Crianças 3, 4, 5, 8, 9, 38, 44, 57, 80, 81, 84, 87, 88, 91, 101, 111, 145, 147, 157, 177, 178, 200, 202, 211, 212, 228, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 263, 264, 266, 267, 274

Crianças surdas 253, 254, 255, 256, 260, 261, 264, 266, 267

Currículo 7, 15, 17, 21, 41, 46, 48, 51, 75, 80, 88, 138, 172, 174, 196, 229, 231, 233, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 258, 273, 276, 279

D

Deficiência visual 63, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 273

Desempenho 21, 23, 24, 25, 27, 28, 31, 50, 65, 87, 91, 93, 97, 106, 164, 179, 192, 199, 200, 201, 206, 211, 212, 213, 270

Dificuldades de aprendizagem 2, 3, 4, 8, 13, 20, 177, 179, 190

E

EAD 34, 35

Educação 1, 2, 4, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 29, 32, 33, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 80, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 97, 98, 99, 102,

103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 205, 206, 207, 209, 210, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 290, 294, 296, 297, 298

Educação inclusiva 65, 67, 68, 72, 74, 75, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 118, 121, 192, 218, 229, 253, 254, 255, 256, 260, 264, 266, 267, 269, 270, 271, 275, 276, 277, 279, 282

Educação infantil 2, 73, 157, 160, 162, 163, 207, 243, 244, 246, 247, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 267

Educação matemática 73, 152, 215, 219, 229, 283, 290, 296, 297, 298

Educação quilombola 34, 35, 46, 48, 50, 52

Educador social 123

Ensino 1, 2, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 27, 32, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 134, 136, 139, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 179, 182, 187, 189, 191, 193, 194, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 207, 208, 212, 215, 217, 218, 219, 220, 222, 227, 228, 229, 232, 233, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 245, 247, 249, 251, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 279, 280, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 290, 295, 296, 298

Ensino na saúde 76

Escola 1, 5, 8, 9, 13, 16, 20, 21, 23, 26, 27, 28, 29, 31, 41, 44, 50, 55, 56, 60, 61, 62, 64, 67, 74, 76, 78, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 114, 115, 116, 122, 132, 135, 136, 141, 146, 150, 151, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 166, 170, 172, 178, 180, 181, 184, 185, 187, 188, 190, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 222, 223, 229, 232, 234, 235, 238, 239, 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 254, 256, 257, 258, 259, 260, 264, 267, 272, 273, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 297

F

Formação 2, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 35, 39, 42, 43, 50, 54, 55, 56, 58, 63, 70, 71, 73, 75, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 96, 103, 104, 112, 113, 114, 115, 116, 121, 122, 125, 126, 127, 132, 133, 135, 136, 138, 151, 153, 154, 155, 156,

157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 190, 192, 194, 195, 202, 207, 209, 212, 217, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 239, 240, 242, 245, 247, 254, 256, 257, 258, 260, 264, 268, 269, 272, 275, 276, 277, 279, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 294, 295, 296, 297, 298

Formação de professores 50, 71, 122, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 173, 174, 175, 176, 178, 190, 192, 231, 232, 233, 235, 237, 242, 258, 275, 285, 294, 295, 298

G

Gestão escolar 22, 26, 31, 98, 198, 207

Globalização 115, 193, 196

H

Hábitos familiares 85

Histórias em quadrinhos 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62

I

Impactos 114, 193, 196, 214

Inclusão 41, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 123, 124, 127, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 162, 207, 228, 229, 230, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 275, 278, 279, 280, 281, 282

Inclusão escolar 63, 66, 67, 69, 72, 108, 113, 121, 207, 273, 278

Inclusão qualificada 123, 124, 127, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137

Inovação educacional 76

Intervenção pedagógica 59, 215

J

Jovem agricultor 123

L

Laird 139, 140, 141, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152

LDB 41, 87, 88, 106, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 239, 250, 252

Leitura 5, 7, 8, 9, 10, 16, 40, 46, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 67, 87, 133, 134, 182, 231, 233, 252, 263, 268, 279, 286, 294, 296

M

Materiais didáticos bilíngues 253, 254, 255, 256, 259, 260, 261, 264, 265, 267

Medicalização 177, 179, 187, 190, 191, 192

Metodologias ativas 13, 16, 19, 21

Métodos 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 47, 75, 105, 135, 151, 152, 159, 179, 197, 229, 252, 257, 258, 296

Multiletramentos 231, 233, 235, 239, 240, 241, 242

P

Pedagogia crítico-reflexiva 243

Pedagogia da alternância 123, 125, 126, 138

PNE 243, 244, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 256, 258

Políticas públicas 39, 46, 64, 67, 205, 213, 232, 235, 243, 246, 251, 256, 281

Posturas educativas 167, 168, 169, 171, 172, 175

Prática pedagógica 3, 6, 7, 71, 74, 109, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 237, 239, 240, 274

Processo pedagógico 108, 112, 115, 116, 221, 262

Processo seletivo 22, 23, 32, 123, 124, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 210

Produção textual 53, 60, 61, 62

Professores 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 19, 20, 23, 26, 29, 40, 45, 49, 50, 54, 57, 59, 63, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 85, 90, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 106, 111, 112, 113, 118, 119, 121, 122, 145, 147, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 198, 199, 200, 201, 202, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 246, 254, 256, 258, 260, 267, 269, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 294, 295, 296, 297, 298

Psicologia escolar 177, 180, 191

R

Recursos tecnológicos 15, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 278, 280

Rotatividade 137, 199, 200, 201, 212, 213

S

Sequência didática 53, 59, 60, 61

Sistema único de saúde 13, 14, 15, 16

T





Tecnologias digitais 21, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242

Teorias cognitivistas 139, 141
Teorias da aprendizagem 139, 140, 148, 149, 151
Transição 19, 85, 86, 90, 91, 106, 166, 273
Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade 177

V

Vergnaud 139, 140, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152
Vínculo 89, 124, 199, 200, 201, 206, 211, 212, 213, 272, 278
Vivências 46, 82, 85, 169, 172, 178, 180, 185, 190

EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br